**Devir-com entes selvagens: a queeridade da natureza no currículo escolar de ciências**

**Introdução**

O que é ou o que não é um “indivíduo” não é uma questão simples e definitiva (BARAD, 2020, p. 302).

Esta escrita desdobra-se como um exercício especulativo de pensar o currículo escolar de ciências como rede espaçotempomaterial que produz, no âmbito dos estudos da ciência e tecnologia, *práticas materializantes de diferenciações* (BARAD, 2020) do natural/cultural como possibilidade de pensar além da reivindicação política de paridade. Proponho - como aposta ética, política e estética-, investigar a trama espaçotempomaterial tecida nas inter-intra-ações curriculares entre indivíduos[[1]](#footnote-1). Para tal, utilizei o livro escrito por William Golding (1954) intitulado “O Senhor das Moscas” em fricção com o trabalho de Rafael Pacheco e José Vicente Robaina (2021) denominado “Ensino de questões sociocientíficas envolvendo a nanotecnologia como articuladora da construção da argumentação por meio de sequências didáticas: Uma revisão das publicações do X, XI e XII ENPEC”. Esse trabalho foi publicado nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC) ocorrido em 2021. Para tal, pergunto-me ao longo da escrita: como a exumação das “raízes coloniais e patriarcais dos princípios universais do humanismo europeu” (PRECIADO, 2022, p. 135) se dá na relação com os fenômenos naturais? Ainda que tal pergunta me guie a pensar, esgotá-la em respostas que a encerra não é a proposta desta escrita.

**A queeridade dos fenômenos naturais**

Ao empreender tal escrita me interessa, em um primeiro momento, a busca pelas formas de deslocar a conversa do desejo de equivalência última, algo caro à educação, entre indivíduos colocados em lados opostos, sustentados no imaginário de que as distinções ontológicas são inerentes do ser materializado no termo. Talvez auxilie a pensar a complexidade dos *emaranhados quânticos* (BARAD, 2020) e, de algum modo, recusar simplificações dos entes ao pressupor *identidades* como estáveis e dadas previamente à relação (BARAD, 2020, p. 316). Isso envolve dizer que, ao focar na norma, a exclusão dos outros da norma é continuamente refundada. Ao passo que me interessa perceber a matéria como difusa, ao pensar tanto a indeterminação da produção do dentro e do fora, quanto do indivíduo, cujas *determinações* dar-se-ão pelas *fronteiras* instituídas no *corte* (BARAD, 2020, p. 313). Dessa forma, a materialização de algo é efetuada no espaço tempo do corte agencial, tal racionalidade desloca as percepções sobre o presente, o passado e o futuro (BARAD, 2020) mediante a percepção do *selvagem*, menos como a condição de um ser e mais como “um espaço desigual de poder estético” (HALBERSTAM, 2020, p. 29).

 Para tal, interesso-me pela performatividade da natureza ao possibilitar ebulições queer dos *fenômenos* do que convenhamos chamar de naturais, “animados” e “não animados” (BARAD, 2020, p. 317). Aposto na queeridade do fogo, da concha, da cabeça de porco, do espírito e da chuva, evocados nas produções para um devir-com os selvagens.

Lá em cima havia nuvens, grandes torres inchadas que cresciam sobre a ilha, cinzentas, castanhas e cor de cobre. As nuvens estavam apoiadas na terra; esmagavam, produziam aquele calor denso e opressivo, de momento a momento (GOLDING, 1954, p. 148).

Uma chuva coloca em questão a lógica determinista da causalidade? Mesmo havendo aparatos tecnológicos cada vez mais precisos de medições e previsões acuradas, ainda assim a imprevisibilidade e indeterminação da chuva enquanto fenômeno coloca em questão a própria ideia da noção de chuva no ciclo e, portanto, o ciclo em si como continuidade, se o emaranhado que a constitui como tal é descontinuidade do espaçotempomaterialização (BARAD, 2020).

No entanto, delirando ou não delirando a cabeça dizia para fugir, Simon, cabelo molhado, pesava, "coisa obscena sorria e gotejava", entranhas, moscas zumbindo, iridescentes, fuga das borboletas, trovoada, canhão, "onda de ar quente tremeu", fogueira, a floresta…explodiu em rugidos, festa, trovão rugiu, ritual, "frondes de palmeiras estalaram sob uma súbita rajada de vento quente" (Golding, 1954, p. 148- 151). Não significa que as causas da chuva, fenômeno (físico), não tenham algo de previsível, porém só o são se consideramos referenciais e referentes. A compreensão da chuva enquanto impossível de definição última por sua materialização demanda um dobrar, desdobrar no espaço-tempo enquanto também fenômeno (BARAD, 2020, p. 336).

Uma especificação do *antropos,* na forma convencional, não nos serve na prática política porque muitos entes são reduzidos como pano de fundo, recurso, para a ação do humano no humanismo (PRECIADO, 2022). Os não humanos não têm agência no humanismo e, ainda que o discurso se volte para o agenciamento dos nãohumanos, o modo como é feito ao apreendê-los na estabilidade, a fim de lhes dar algo que eles já não possuem, reescreve a excepcionalidade (superior) do humano (BARAD, 2020).

**A epistemologia do selvagem na exumação do espírito humano**

“Não havia Porquinho para falar em nome da razão. Não havia uma reunião solene para se debater, nem a dignidade da concha” (Golding, 1954, p. 211).

Em uma breve percepção do livro “O Senhor das Moscas”, de William Golding, deparo-me com a perda da condição do humano pelo afastamento da *cultura* e, portanto, daquilo que o produz enquanto ser *civilizado*. A fronteira que separa a cultura da *natureza* é colocada pela ilha deserta (do quê? de quem?, uma vez que nem a noção de deserto vê-se livre dos átomos) no Oceano Pacífico em que garotos ingleses se viram perdidos, após um acidente aéreo. Neste espaçotempomaterial anárquico da ilha, a produção da natureza enquanto selvagem auxilia equeeriza a premissa da existência do “espírito humano”, não problematizado e reivindicado, na produção de Rafael Pacheco e José Robaima (2021), como o objeto de interesse da escolarização. A imagem dos selvagens no livro de William Golding (1954) e no trabalho de Jack Halberstam (2020) possibilita duvidar de uma identidade humana movida pela ânsia de “descobrir” e “aprender”, enquanto “desejo único” para que o mesmo busque “novos horizontes”, como a norma, um tanto messiânica, como identidade universal da criança (PACHECO E ROBAIMA, 2021, p. 2).

É “necessário” aos entes enquanto dotados de um “espírito” cidadão ser “indivíduos ativos”, que “constroem seu ponto de vista”, “tomam decisões”, sendo capazes de “compreender que o que está em jogo no discurso dos especialistas é seu presente e o futuro de seus descendentes[[2]](#footnote-2)”, ou seja, o imperativo cosmopolita de superioridade.  No livro, a perspectiva de um futuro em que os garotos seriam salvos os assassinou enquanto seres pré-definidos. Isso se dá no instante em que o oficial olha para aquele indivíduo e diz que esperava um comportamento melhor por serem garotos ingleses (Golding, 1954). Existe aqui o pressuposto de *colonialidade do ser, pela domesticação e governo dos corpos,* que intenciona a eliminação da queeridade dos povos, cuja aposta de decolonialidade é potencializada na epistemologia do selvagem (HALBERSTAM, 2020, p. 32).

A desestabilização dos humanos pela queeridade dos fenômenos como indivíduos, por exemplo, da fumaça, que em relação aos meninos é tanto o que pode salvá-los, dando-lhes visibilidade na vastidão do oceano. Em outro referencial é o que destrói acordos entre eles, causa disputa, é o que mata, o que amedronta, o que precisa de atenção para o uso em um momento “certo”, cuja condição de existência é o fogo, cuja ameaça é a chuva, é o Jack. A caça do bicho, a caça do porco, o sangue, as moscas, eles são caçados, um caça o outro - em alguns momentos, não é possível fazer a distinção entre os monstros, os garotos e os animais -  a caça é alimento e morte, a caça é a besta, a morte atrai as moscas, eles caçam a besta, a morte é delírio, é o piloto e o monstro, eles são e não são monstros, selvagens, assombro e assombrados, a cabeça de quem?, a cabeça de porco, a fuga é dos outros, de si, de ninguém, do monstro, a fuga é da ilha, a fuga é do eu, a fuga é ritual, poder.

As práticas materializantes da diferenciação entre *natureza/cultura* “consolida um sistema matriz racial dentro do qual o selvagem representa um tempo anterior, passado primitivo e um temperamento descontrolado” (HALBERSTAM, 2020, p. 27). O humano é produzido como o outro do selvagem, como ser cuja selvageria insiste em retornar, enquanto fera, ao passo que deve ser submetido ao controle. Ora, a produção do humano da norma se dá por tentativas de enxugar a queeridade que insiste em vazar. A questão aqui não é a atribuição da relação entre espírito e o humano, porém a percepção da imagem do humano enquanto dotado de um espírito único e, a priori, comum a todos os humanos. Há nessa ideia de social um vínculo com uma especificidade do fazer científico voltado para o controle da “natureza” humana.

**Concluo que não há conclusão**

Eu me apoiei então naquilo que vaza das produções, bagunçando o imaginário da identidade humana e questionando os binarismos, através da epistemologia do selvagem, (HALBERSTAM, 2020) pensando em modos de deslocar o pensamento do terreno social para o da natureza. Os problemas acerca dos pensamentos que pressupõem tal sentido de natureza humana, distorcem tudo aquilo que é materialmente inscrito como não natural do humano. A abertura para classificar determinado hábito, corpo e pensamento – enquanto uma questão de ausência e presença – deixaria de ser o foco do ensino como se a questão do humano não tivesse relação com ter ou não um espírito específico. Tal questão, novamente, nos leva a pensar que o problema em si não se trata da produção dos indivíduos enquanto entes diferentes de mim, porém ao produzir o outro mediante racionalidades que operam em um contínuo de valores pré-estabelecido, a diferença do outro é categorizada como inferior ou superior à do antropos. A materialidade dos indivíduos não é linear e fixa. A não percepção do emaranhado no espaçotempomaterialização queimou os indivíduos. Queimou a floresta! Matou o bicho! Cortou a garganta! Tirou o sangue! Acabou com ele! (GOLDING, 1954). E agora? Quais histórias contar diante do fim?

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARAD, Karen. A performatividade queer da natureza. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 3, n. 11, jul-set 2020.

BARAD, Karen. Tempo(s) problemático(s) e ecologias do nada: re-tornando, re-lembrando e enfrentando o incalculável. **Revista Estudos Políticos**, 2023. (no prelo).

GOLDING, William. O **Senhor das Moscas.** Tradução Sergio Flaksman. Alfaguara, 1954.

HALBERSTAM, Jack. El sexo antes, después y contra la Naturaleza. In: **Criaturas salvajes**: El desorden del deseo. Barcelona: Égales Editorial, 2020.

HALBERSTAM, Jack. Revolta animada e animação rebelde. In: **A arte queer do fracasso**. Recife: Cepe, 2020.

PACHECO, Rafael Scheffer; ROBAINA, José Vicente Lima. Ensino de questões sociocientíficas envolvendo a nanotecnologia como articuladora da construção da argumentação por meio de sequências didáticas: Uma revisão das publicações do X, XI e XII ENPEC. **XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XIII ENPEC em redes**, p. 1-9. 2021.

PRECIADO, Paul. **O feminismo não é um humanismo.** In: Um apartamento em Urano: crônicas de travessia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2022.

1. A ideia de indivíduo não se restringe ao humano.  [↑](#footnote-ref-1)
2. Portanto, alfabetizar os cidadãos em ciência e tecnologia é hoje uma emergência do mundo contemporâneo. Não se trata de dar vistas às benesses dos avanços científicos, como os meios de comunicação tentam sugerir, mas de disponibilizar as representações que permitam ao cidadão construir seu ponto de vista, tomar suas próprias decisões e compreender que o que está em jogo no discurso dos especialistas é seu presente e o futuro de seus descendentes (PACHECO e ROBAINA, 2021, p. 2). [↑](#footnote-ref-2)